



O DICIONÁRIO COMO AUXÍLIO DO LIVRO DIDÁTICO NA SALA DE AULA

Raimunda Nonata dos Santos FERREIRA ³⁸¹

Sandra Regina Gomes BONFIM ³⁸²

Luís Henrique SERRA ³⁸³

Resumo: Este trabalho tem por objetivo apresentar os resultados de uma análise de um livro didático e como é feita a articulação entre o dicionário e o livro didático para o ensino de língua materna, ambos utilizados na cidade de Codó-Ma. O trabalho parte do pressuposto de que o uso adequado do material didático pode influenciar na aprendizagem desses alunos. O livro analisado foi *Ápis: Língua Portuguesa* do 4º ano do ensino Fundamental, livro aprovado pelo PNLD, 2016-2018. A análise visa discutir a problemática do ensino da língua portuguesa em Codó a partir da análise de um conteúdo do livro utilizado na sala de aula, o substantivo. Nesse sentido, tentaremos verificar de que maneira e como o assunto abordado, no caso, o substantivo, é trabalhado e como o dicionário pode ajudar no processo de ensino-aprendizagem desses alunos. As hipóteses parte do pressuposto de que o livro deve ser coerente e reflexivo em seus assuntos, facilitando a aprendizagem dos alunos em determinados conteúdos, principalmente, com a orientação do professor e com o uso de dicionários na sala de aula. Os autores utilizados para basear este estudo são Antunes (2003), Bagno (2013), Faraco (2008), Krieger (2011, 2012) e Brasil (2012), que discorrem tanto do ensino de língua materna e como também sobre a importância do uso dos dicionários. Após a análise do livro, percebemos que o livro é bem reflexivo, pois é possível fazer uma articulação entre as atividades do livro e o dicionário.

Palavras chaves: Livro Didático; Ensino de Língua Materna; Dicionário.

Introdução

Este trabalho tem por objetivo expor a análise de um livro didático utilizado nas escolas públicas da cidade de Codó-Ma; fora isso, busca-se observar como o dicionário pode ser uma ferramenta que auxilie ao aluno a ampliar e desenvolver seus conhecimentos sobre a língua. Analisa-se também

³⁸¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão – Campus VII, participante do grupo de pesquisa GIELP – Grupo de Investigação do Ensino de Língua Portuguesa, contato: raymunda.ferreiraa@gmail.com.

³⁸² Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão – Campus VII, participante do grupo de pesquisa GIELP – Grupo de Investigação do Ensino de Língua Portuguesa, contato: sandraregbonfim@gmail.com.

³⁸³ Coordenador do Grupo de Investigação do Ensino de Língua Portuguesa – GIELP/UFMA; luis.ufma@gmail.com





como essa relação entre o dicionário e o livro didático pode influenciar na aprendizagem desses alunos. O livro analisado neste trabalho é *Ápis: Língua Portuguesa*, do 4º ano do ensino Fundamental, aprovado pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2016 a 2018. O dicionário utilizado para este estudo é o *Dicionário Aurélio Ilustrado*, tipo 2, aprovado pelo PNLD-Dicionário. O estudo parte da premissa de que o dicionário pode ser um importante material didático que pode auxiliar o professor e o aluno no conhecimento sobre a língua e como ela se apresenta aos falantes. A hipótese que este trabalho parte é de que o ensino de língua portuguesa ainda é muito complexo, principalmente quando se utiliza de conceitos, às vezes, abstratos demais para o aluno; entendemos, com isso, que estratégias didáticas diferenciadas são importantes para que o aluno, principalmente o do ensino fundamental, possa alcançar e entender os conceitos abstratos da língua. Nesse sentido, entendemos que o dicionário pode ser uma importante ferramenta para o professor de português e das outras matérias.

O ensino de língua materna e a formação dos professores de língua: o material didático e a tradição escolar

Muitas são as problemáticas envolvidas no ensino de língua materna, em nossas escolas País a fora. Um dos principais aspectos é formação dos professores de português. Segundo Bagno (2013), os cursos de letras são os principais responsáveis pela formação de professores no ensino de língua materna no Brasil e eles têm apresentado uma situação que é catastrófica, principalmente, no que tange à prática e à forma de passar os conhecimentos adquiridos no curso. Em muitos dos cursos Letras do País, a formação é feita em cima de literaturas clássicas e leitura de textos canônicos, da pura análise de sintaxe e da morfologia, além de em estudos aprofundados de análise do discurso, formando, em alguns deles, verdadeiros cientistas ou gramáticos da língua portuguesa, indivíduos que pouco se interessam pelo aspecto didático do ensino de língua materna. Bagno comenta, nesse sentido, que, “os mestres e doutores que professam nas Letras se comportam como se tivessem ali para formar grandes escritores e críticos literário, ou filosóficos e gramáticos





tradicionalista” (BAGNO, 2013, p 26-27). É importante lembrar que esses cursos devem atentar que seu objetivo principal é a formação de professores para o ensino de língua portuguesa e estrangeiras, para as escolas públicas e privadas, e não a formação de grandes cientistas ou gramáticos.

No entanto, é curioso observar que, mesmo com o trabalho intenso nos aspectos literários e linguísticos nos cursos de formação, muitas das pessoas que se formam nos cursos de Letras, ainda de acordo com Bagno (2013), têm apresentado pouca familiaridade e capacidade técnica para analisar ou ler obras literárias, não alcançando nem um e nem outro objetivo do curso. Para ilustrar um dos pontos fracos do curso de Letras, o autor faz uma comparação dos cursos de Letras no Brasil e na Argentina: na Argentina, as primeiras disciplinas são todas introdutoras nas áreas de ciências humanas e sociais, ao contrário do Brasil, que acaba jogando o futuro professor em teorias as quais eles nunca ouviram falar, supostamente “introdutórias”. Nesse sentido, cumpre lembrar Possenti, quando ele afirma que “Se o conhecimento de técnico de um campo é fundamental na maior parte das formações, talvez, o mesmo não valha para o professor de língua materna” (POSSENTI, 2006, p. 32). É lógico pensar que se o professor formado nos cursos de licenciatura em Letras deve ter conhecimento da Língua e de Literatura, mas também deve ter conhecimento de técnicas e modelos de ensino para fazer com que esse conhecimento técnico possa servir, de algum modo, no momento em que esse profissional esteja atuando na sala de aula.

Quando um curso de formação de professores dá destaque à formação do professor conhecedor de aspectos técnicos e não pedagógico, acaba por reforçar a ideia de que o conhecimento de nomenclatura gramatical é mais importante do que qualquer outro aspecto no ensino de língua portuguesa. Dessa forma, muitas das discussões sobre a variação linguística e a importância da obra literária tornam-se infecundas e pouco resolutivas no aspecto educacional do Brasil.

Segundo Antunes (2003, p.19) “o Ensino Fundamental, revela a persistência de uma prática pedagógica que, em muitos aspectos, ainda mantém a perspectiva reducionista do estudo da palavra e da frase





descontextualizadas”. Nesse sentido, é curioso lembrar que grande parte das pessoas que escrevem os livros didáticos utilizados em nossas escolas é formada nos cursos de Letras que têm a Linguística como matéria principal dos cursos, mas, quando observamos a capacidade de transformar o conteúdo científico em didático, sentimos a falta desse aspecto nesses materiais. Isso é facilmente perceptível quando damos uma olhada nos livros didáticos que são utilizados pelos professores e alunos em sala de aula.

Quando se pensa nas políticas de ensino de português, devemos atentar para o que dizem ao Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN),

Em relação aos PCN, não se pode deixar de reconhecer que as concepções teóricas subjacentes ao documento já privilegiam a interacional e discursiva da língua e definem o domínio dessa língua como uma das condições para a plena participação do indivíduo em seu meio social (cf. p. 19) além disso, estabelecem que os conteúdos de língua portuguesa devem se articular em torno de dois grandes eixos: o **uso** da língua oral e escrita e o da **reflexão** acerca desses usos. Nenhuma atenção é concedida aos conteúdos gramaticais (...) (ANTUNES, 2003, p. 21-22, grifo original).

Os professores têm dado muito destaque à gramática dentro de sala de aula, quando deveriam se voltar para o uso da língua no convívio social, ou seja, aprimorar o desempenho comunicativo dos alunos, - como apregoam os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) – sobretudo porque o aprendizado sobre a língua é o elo integrador de todas as disciplinas e o principal instrumento para uma participação mais efetiva, consciente e crítica do alunado na sociedade (PAULIUKONIS, 2013).

Nesse sentido, vemos a necessidade de um ensino com novas perspectivas e modos de ensinar, modos que não reflitam o ensino de língua pautado na tradição e nos resultados políticos, mas sim, um ensino em que se vê o papel da língua no contexto comunicacional, além disso, como entidade social e cultural. É nessa nova perspectiva que pensamos o uso dos dicionários em sala de aula, com o qual são oferecidos caminhos para se pensar o uso da língua e sua diversidade. A discussão sobre o uso e sobre a reflexão cotidiana da relação entre língua e cultura, que podem ser desenvolvidos com o auxílio do professor e do dicionário, são temas necessárias para um ensino mais enriquecedor, que visualize e dê maior evidência aos usos reais da língua. No





dicionário, o aluno tem a oportunidade de ver como a língua é variável e como ela se adapta às diferentes necessidades do seu usuário. Além disso, o dicionário na sala de aula oferece caminhos importantes para o desenvolvimento da produção de textos.

É em busca desse aspecto mais descritivo da língua que lemos e analisamos os dois materiais didáticos utilizados em muitas das escolas da educação básica no Brasil.

O livro didático (LD)³⁸⁴ Ápis: Língua Portuguesa – atividades que podem ser respondidas com o auxílio do dicionário

Nesta parte do trabalho, faremos a descrição da organização do livro juntamente com a discussão sobre como o dicionário pode ajudar o aluno a entender melhor os conceitos e como ele pode ampliar o entendimento de alguns conceitos gramaticais, que são, muitas das vezes, complexos, como o próprio conceito de substantivo.

O livro didático *Ápis: Língua Portuguesa* foi escrito por Ana Maria Trinconi Borgatto, Terezinha Costa Hashimoto Bertin e Vera Lúcia de Carvalho Marchezi. Todas são licenciadas em Letras, as duas primeiras pela UPS (Universidade de São Paulo), a terceira pela UNESP (universidade Estadual Paulista – Araraquara, SP), possuem também pós-graduação e mestrado e atuam como professoras universitárias. Borgatto e Marchezi são Mestres em Letras pela USP, Bertin Mestre em Ciências da Comunicação pela UPS³⁸⁵.

Nas referências encontradas no final do livro, têm cinco trabalhos de Ângela Kleiman, todos voltados para o ensino e compreensão do texto e a escrita, e um que aborda sobre o letramento, também faz uso de sete documentos disponíveis pelo MEC, como os PCN's, PDE e Orientações para o Trabalho com Crianças de Seis Anos no Fundamental. Faz uso de cinco trabalhos sobre o uso da gramática em relação a escrita e uso do dicionário, tendo como autor, Evanildo Bechara, Francisco da Silva Borba, Luís F. Lindley

³⁸⁴ Utilizaremos, durante todo o trabalho, LD para nos referirmos ao Livro Didático Ápis: Língua Portuguesa.

³⁸⁵ Informações contidas no livro didático Ápis: Língua Portuguesa.





Cintra; Celso Cunha, Maria Helena Neves, Luiz Carlos Travaglia. Dois textos sobre letramento de autoria de Magda Soares, além de alguns textos sobre a psicogêneses da língua escrita. A cada texto apresentado no decorrer do livro as autoras colocam a referência no final dos textos. Isso mostra que as autoras têm alguma formação e leitura na área do ensino de língua e de literatura, o que justifica muitas das atividades apresentadas no livro. O LD apresenta as seguintes seções em cada capítulo:

- Gênero;
- Interpretação do texto;
- Práticas de oralidade;
- Outras atividades/interdisciplinaridade;
- Língua: usos e reflexão;
- Produção de texto;
- Ampliação de leitura;
- Ortografia;
- Hora da diversão;
- Autoavaliação.



Figura 1. Capa do livro Ápis: Língua Portuguesa.

Cada seção do livro é trabalhada em unidades, ou seja, toda unidade (capítulos) têm as mesmas seções, cada seção tem um objetivo a ser cumprido. Na seção que foi selecionada para a análise do livro, o objetivo era o ensino da classe de palavra substantivo³⁸⁶. Primeiramente, observamos que cada unidade trata de um tema, e o primeiro capítulo é dedicado ao estudo do substantivo. Na seção *Língua: usos e reflexão*, observa-se uma atividade que ocupa dez páginas do livro e que se ocupa da caracterização do substantivo e das diferentes palavras que se encaixam nessa classe de palavras; na seção seguinte, *Produção de texto*, as autoras sugerem uma atividade que leve aos alunos à produção de um texto. Como se sabe, os PCN'S de língua portuguesa têm buscado implementar na escola o uso e produção de diferentes textos, tendo em vista que é no texto que a língua apresenta suas características

³⁸⁶ Palavra que dá nome a pessoas, animais, plantas, objetos, lugares, fenômenos da natureza, sentimentos, entre outras coisas – informação do livro didático Ápis: língua Portuguesa, p. 37.

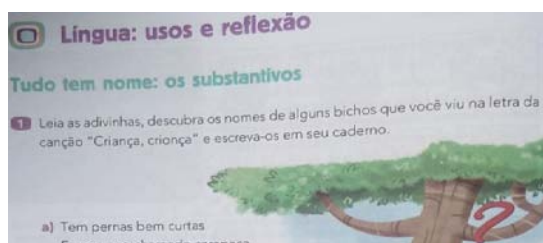




principais. Nesse sentido, as autoras parecem atender esse requisito dos PCN'S.

O LD apresenta também uma seção em que a atividade demanda o uso do dicionário: nas páginas 268 a 278, com cinco propostas sobre como os alunos podem utilizar o dicionário. Primeiramente, é feita uma apresentação do uso de dicionários, seguida pela apresentação de um verbete; aborda sobre as informações que trazem um verbete; como essas informações são interpretadas pelos leitores e o uso de verbos no dicionário. Como se observa, essa proposta de uso do dicionário interligada à produção textual mostra que as autoras buscam uma proposta didática interessante no livro, uma vez que abre espaço para as atuais propostas em discussão na Linguística e na Literatura, buscando uma nova configuração da aula de língua.

Em outras seções do livro, como *Língua: usos e reflexões e produção de textos*, é abordado o estudo do substantivo, considerando as suas múltiplas definições e uso. As autoras optam pelo trabalhado com *advinhas*, com as quais elas escolhem a relação entre a canção estudada (criança, crionça) no início da unidade e o texto em que explicam sobre o que é substantivo. A intenção nessa atividade é fazer com que as crianças entendam que tudo precisa de um nome, pois, não podemos sempre que quisermos nos referir a alguém ou alguma coisa, dá determinadas características, mais precisamente um nome que tenha a característica de algo e que se diferencia de outro (ver figura 1). Na atividade, o uso do dicionário pode ajuda bastante, pois o professor pode escrever nomes de animais no quadro, pedir aos alunos que procurem em um dicionário o significado de cada um dos animais no dicionário para nomear cada uma das advinhas. Antes, é interessante, até para que o aluno saiba que muitos dos conceitos da escola também estão disponíveis no dicionário, o aluno poderá ver as acepções de substantivo no dicionário.





Substantivo subs.tan.ti.vo **substantivo masculino**

1. Palavra que dá nome à pessoa, lugar ou coisas: *Na frase*: Meus pais levaram o meu irmão e a mim para um passeio no campo, as *palavras* pais, irmão, passeio e campo são substantivos. 2. Palavra que dá nome a qualidade ou estado de algo ou alguém: *Na frase*: A beleza da paisagem é visível, a *palavra* beleza é *substantivo* (AURÉLIO, 2012, p. 463).

Figura 2. Primeira questão da primeira atividade da seção Língua: usos e reflexão.

Trabalhando dessa maneira, o livro e o dicionário fariam o aluno observar a funcionalidade do dicionário e como ele pode auxiliar na compreensão dos assuntos abordados em sala de aula. Continuando, agora na segunda questão – da primeira atividade –, em que é pedido para que se escreva os nomes (pelo menos dez), dos seres e objetos da cena (figura 3, a seguir), o que pode ser mais um modo da introdução do dicionário, reforçando, ainda mais, a ideia inicial da primeira questão (ver figura 3).





Figura 3. Segunda questão da primeira atividade, da seção Língua: usos e reflexão.

Como podemos observar, a imagem acima é uma cena cheia de elementos com as quais os alunos convivem/veem em seu cotidiano. O professor poderia fazer uso desta ideia, para que os alunos escrevam, o que têm em suas casas, o que têm em suas ruas e/ou até mesmo o que eles veem durante o percurso casa/escola, desenvolvendo ainda mais a capacidade de pensar dos alunos, buscando no dicionário o quais tipos de substantivos seriam esses que eles encontraram na atividade. Na medida que as questões vão sendo trabalhadas, vai-se aumentando o grau de amplitude do tema, a partir da terceira questão, trata-se da classificação dos substantivos, através de uma tabela, na qual são apresentados outros substantivos organizados da seguinte forma: **partes do corpo humano:** cabeça, braço, perna, boca, orelha. Trabalhando também os substantivos – próprios e comuns; concretos e abstratos –, finalizando a primeira atividade, desta seção, com uma dinâmica na questão de número seis.

A dinâmica posta no livro, oferece uma lista que pode ser ou não usada pelo professor: Nomes de cores, flores, sentimentos, lugares, bichos, brincadeiras. Dinâmica essa que segue a mesma ideia da atividade citada



acima, desta forma, os alunos podem escolher e pensar em outros substantivos, inclusive em coisas do cotidiano ou que tenham sido estudados em outras disciplinas. Nesta atividade, percebemos que o aluno pode ampliar seu conhecimento pois vai pensar e refletir dando sua opinião ao descrever outros substantivos que eles conhecem, neste sentido, o dicionário poderá auxiliar na procura dos substantivos, e na grafia correta das palavras.

As atividades apresentadas aqui são só alguns exemplos de como o professor pode trabalhar as classes de palavra com os alunos do ensino fundamental. Aproveitar o que o dicionário oferece como recurso didático para que ele seja como um segundo instrumento com o qual o aluno aprende a buscar e construir o seu próprio conhecimento. As autoras do livro, como se pôde perceber com a apresentação e análise apresentada aqui, buscam algumas estratégias que se diferenciam de outros livros didáticos, uma vez que elas passam a propor atividades em que se observa uma certa preocupação em colocar em prática os conhecimentos adquiridos na sala de aula; a todo o momento, o texto e o cotidiano são evocados para que o aluno possa ver sentido prático dentro do que ele aprende. A sugestão de atividades com o dicionário, por exemplo, deixa isso bem claro.

Neste artigo, tentamos apontar caminhos pelos quais o professor pode trabalhar com o dicionário na sala de aula em companhia com o livro didático, ampliando assim, tanto o papel do dicionário na sala de aula quanto o próprio conhecimento e a relação que os alunos têm com essa obra. Um aluno consciente dos recursos didáticos que o dicionário tem está mais próximo de uma competência lexical, entendida como a capacidade de utilizar adequadamente os diferentes elementos do léxico em sua comunicação cotidiana, do que aquele aluno que desconhece, completamente esses recursos.

Conclusões

A formação do professor, a qualidade do material utilizado por ele na sua prática pedagógica, entre outros fatores, são aspectos que tem que está sob a preocupação dos estudiosos e da própria escola quando ela busca o





desenvolvimento da habilidade comunicativa dos alunos. O bom material didático coopera para que o professor possa encontrar caminhos que facilitem tanto o conhecimento de conceitos quanto a aplicação desses conceitos no dia-a-dia. O LD analisado aqui tenta, de algum modo, oferecer atividades de leitura e de escrita, e do próprio conhecimento da língua, que fazem mais sentido para o aluno. Buscar observar o impacto de atividades como essa na sala de aula, no conhecimento do aluno é uma pesquisa que se mostra necessária.

Quando pensamos o dicionário como uma peça no ensino pensamos em sua capacidade como repositório do saber estabelecido, pensamos como um conjunto de informações que, por causa de sua organização, não cabem no livro didático, no entanto, esses são saberes importantes. Fora isso, o dicionário como material de apoio na sala de aula possibilita que o professor trabalhe as diferentes possibilidades de leitura e de produção textual, algo necessário a qualquer momento da vida cotidiana de nossos alunos e para as outras matérias do currículo escolar.

É lamentável, porém, que o contexto de sala de aula que encontramos é outro, onde o professor, que deveria saber, não saber fazer uso das obras lexicográficas, como mostra a pesquisa de Ferreira; Bonfim; Serra (2016), em que a maioria dos professores não faz uso dos dicionários, e, quando fazem, o fazem de forma simples, apenas para a consulta de ortografia e do significado, reduzindo, em muito, o potencial didático do dicionário.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAGNO, Marcos. **Sete erros aos quatro ventos: a variação linguística no ensino de português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Com direito à palavra: dicionários em sala de aula**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2012.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. Parábola Editorial, 2008.





FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Ilustrado**. Curitiba: Positivo 2008.

FERREIRA, Raimunda N. dos Santos; BONFIM, Sandra R. Gomes; SERRA, Luís Henrique. Crenças e atitudes quanto ao uso do dicionário em sala de aula por parte dos professores de um bairro da cidade de Codó-Ma. In: VII Fórum Internacional de Pedagogia: Educação em/para os direitos humanos, diversidade, ética e cidadania. 2016, Imperatriz (Maranhão). **Anais...** Campinas: Realize, 2016. Disponível em: http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/TRABALHO_EV057_MD4_SA21_ID1137_29082016170342.pdf acesso em: 01/06/2017.

KRIEGER, Maria da Graça; RANGEL, Egon de Oliveira. Questões políticas. In: XATARA, Claudia; BEVILACQUA, Cleci Regina; HUMBLÉ, Philippe René Marie (Orgs.). **Dicionários na teoria e na prática**: como e para quem são feitos. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. 133-141 p. (Série Estratégias de ensino, 24).

PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino. Texto e discurso: desafios no ensino de Português. **Letras & Letras**. v. 29, n. 2, p.1-10, 2013.

POSSENTI, Sírio. Sobre o ensino de português na escola. In: GERALDI, João Wanderley (org). **O texto na sala de aula**. 4 ed. São Paulo: Ática, 2006.

